

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA ESPANHOLA  
E LITERATURAS

**ANTÔNIA CRISTIANE DE SOUSA PEREIRA**

**GÊNERO, CORPO E IDENTIDADE EM *CORPO DESFEITO*, DE JARID  
ARRAES**

BACABAL  
2025

**ANTÔNIA CRISTIANE DE SOUSA PEREIRA**

**GÊNERO, CORPO E IDENTIDADE EM *CORPO DESFEITO*, DE JARID  
ARRAES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras, Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira.

BACABAL  
2025

Pereira, Antônia Cristiane de Sousa.

Gênero, corpo e identidade em Corpo Desfeito, de Jarid Arraes / Antônia Cristiane de Sousa Pereira. - Bacabal - MA, 2025.

49 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Espanhola e Literaturas) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Bacabal, 2025.

Orientadora: Profa. Ma. Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira.

1. Subjetividade. 2. Gênero. 3. Corporeidade. 4. Trauma. 5. Identidade. I. Título.

CDU: 82-3:305-055.2

ANTÔNIA CRISTIANE DE SOUSA PEREIRA

GÊNERO, CORPO E IDENTIDADE EM *CORPO DESFEITO*, DE JARID ARRAES

Monografia apresentada junto ao curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Departamento de Letras do Campus Bacabal, para obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas.

Aprovado em: 26/06/2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Ma. Larissa Emanuele da Silva Rodrigues de Oliveira (orientadora)

---

Prof. Dra. Linda Maria de Jesus Bertolino

---

Prof. Ma. Alexandra Araujo Monteiro

Dedico este trabalho a Deus, fonte de força e sabedoria em minha trajetória. Aos meus pais, Dona Neném e Seu Leno, pilares da minha vida, cuja dedicação e exemplo moldaram quem sou. À memória da minha irmã, Iasmim, que não pôde estar aqui, mas se faz presente em meu coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo, a Deus, que me guiou até aqui e me fortaleceu nos momentos difíceis. Tu és, Senhor, a minha rocha, o meu refúgio, o meu mais puro amor.

Aos meus pais, minha eterna gratidão. Dona Francisca, você é minha inspiração, meu maior exemplo de amor. Obrigada por nunca soltar minha mão e por sempre me mostrar que sou capaz. Seu Francisco, você é minha força, meu maior exemplo de coragem e honra. Obrigada por me proteger e por me ensinar que a riqueza da vida é ser filha de vocês.

À minha família, que foi minha inspiração de carreira, pelos exemplos que me deram. Ver vocês como profissionais despertou em mim o desejo de seguir esse caminho.

À minha querida orientadora, Profa. Ma. Larissa Emanuele, por me acolher com carinho e conduzir este trabalho. Sua paciência e dedicação foram essenciais durante esses meses. Agradeço por acreditar nesta pesquisa e moldá-la com suas mãos.

À Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pelo suporte material e imaterial, e por ter sido palco em minha trajetória ao longo desses anos de graduação.

Ao grupo de pesquisa COLICEC e à idealizadora desse grande apoio, Linda Maria. Sem seus ensinamentos, esta jornada não teria sido a mesma. Sou grata por sua dedicação e por compartilhar tanto conhecimento.

Aos grandes professores que foram minha inspiração, tanto na universidade como fora dela. Ver o amor de vocês pela profissão e o cuidado nos ensinamentos fortaleceu meu aprendizado e minha escolha.

Às minhas companheiras desta jornada acadêmica, minha sincera gratidão. Ter vocês compartilhando desafios, conquistas, risadas e aprendizados tornou tudo mais leve e significativo, graças ao apoio e à amizade de cada uma.

Às minhas amigas, Kely e Juliana, companheiras desde a infância, que compartilham o mesmo sonho e caminham ao meu lado com afeto e apoio.

Àquele que, com companheirismo e paciência, foi abrigo e força durante essa jornada.

“Imaginei que quando se desenha o amor com uma flecha transpassando um coração, o tema deveria ser sacrifício. Mas muita gente despercebe que amar é como oferecer o corpo para ser punido”.  
Jarid Arraes

## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar como se constrói a relação entre corpo, gênero e identidade em *Corpo Desfeito*, de Jarid Arraes; autora cearense, cuja escrita é destaque no meio literário, pois, há temáticas como violência estrutural e protagonismos de vozes marginalizadas. Dessa maneira, a pesquisa parte da seguinte questão norteadora: de que forma a corporeidade fragmentada de Amanda, protagonista do romance, constitui-se como elemento de construção de sua identidade de gênero? O que conduz aos seguintes objetivos específicos: compreender de que maneira a voz narradora de Jarid Arraes, em *Corpo desfeito*, aborda questões de gênero a partir da protagonista Amanda; identificar como esta, atravessada por diversos acontecimentos traumáticos, comenta sobre si através do corpo na obra citada; e mostrar de que maneira as percepções de Amanda acerca de gênero e do corpo constroem a sua identidade. A partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, essa pesquisa analisa a narrativa através de três eixos: a construção da voz narradora e as questões de gênero; a relação entre corpo e trauma; e a formação da identidade a partir das experiências da personagem supracitada. O referencial teórico abrange autores como Judith Butler (2003); Heleith Saffioti (1995; 1987); Michelle Perrot (2007); David Le Breton (2007); Aleida Assmann (2011); Gaston Bachelard (1993); Ozíris Borges Filho (2007); Paul Ricoeur (2007), Stuart Hall (2006) entre outros; possibilitando uma reflexão crítica sobre os marcadores sociais que atravessam o corpo feminino e a subjetividade. Conclui-se que *Corpo Desfeito* revela, a partir da narrativa, os mecanismos de opressão e resistência que permeiam a construção da identidade de gênero em contextos de violência.

**Palavras-chaves:** subjetividade; gênero; corporeidade; trauma; identidade.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar como se construye la relación entre cuerpo, género e identidade en la obra *Corpo desfeito*, de Jarid Arraes; autor cearense cuya producción se destaca en el mundo literario, ya que incluye temas como la violencia estructural y el protagonismo de las voces marginadas. Así, la investigación parte de la siguiente pregunta orientadora: ¿de qué manera la corporalidad fragmentada de Amanda, protagonista de la novela, constituye un elemento en la construcción de sua identidade de género? Lo que lleva a los siguientes objetivos específicos: comprender como la voz narradora de Jarid Arraes, en *Corpo Desfeito*, aborda cuestiones de género desde la perspectiva de la protagonista Amanda; identificar cómo ella, quien há pasado por varios eventos traumáticos, se comenta a sí misma através de su cuerpo en la obra mencionada; y mostrar cómo las percepciones de Amanda sobre el género y el cuerpo construyen su identidad. Utilizando un enfoque cualitativo y bibliográfico, esta investigación analisa la narrativa através de tres ejes: la construcción de la voz del narrador y las cuestiones de género; la relación entre el cuerpo e el trauma; y la formación de la identidade a partir de las vivencias del personaje mencionado. El marco teórico incluye autores como Judith Butler (2003); Heleith Saffioti (1995; 1987); Michele Perrot (2007); David Le Breton (2007); Aleida Assmann (2011); Stuart Hall (2006) entre otros; permitiendo una reflexión crítica sobre los marcadores sociales que permean el cuerpo y la subjetividade feminina. Se concluye que *Corpo Desfeito* revela, a partir de la narrativa, los mecanismos de opresión y resistência que permean la construcción de la identidade de género en contextos de violência.

**Palabras clave:** subjetividad; género; corporalidad; trauma; identidad.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	11
<b>1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO: SUBJETIVIDADE E PERFORMATIVIDADE .....</b>	14
<b>1.1 A questão de gênero em <i>Corpo Desfeito</i>.....</b>	15
<b>1.2 A construção da subjetividade de Amanda.....</b>	18
<b>1.3 Performatividade e desconstrução de gênero em Amanda.....</b>	19
<b>1.3.1 Linguagem narrativa como resistência performativa.....</b>	22
<b>2 CORPO SIMBÓLICO: VIOLÊNCIA E O ESPAÇO DA CASA .....</b>	25
<b>2.1 O corpo na narrativa de Arraes .....</b>	26
<b>2.2 As “escritas” do corpo .....</b>	28
<b>2.3 A casa como metáfora da representação do corpo feminino.....</b>	30
<b>3 IDENTIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DE AMANDA .....</b>	34
<b>3.1 Memória: fragmentos de dor e a narrativa do passado .....</b>	35
<b>3.1.1 Corpo como um lugar de (re) inscrições.....</b>	36
<b>3.2 A formação da identidade: ruptura e permanência .....</b>	39
<b>3.3 Resistência como gesto de (re) existência.....</b>	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	45
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	48

## INTRODUÇÃO

Jarid Arraes, escritora, poeta e cordelista, é uma das vozes mais significativas da literatura brasileira contemporânea. Nascida em Juazeiro do Norte-CE, na região do Cariri, e atualmente residente em São Paulo-SP, sua produção literária transita entre os gêneros do conto, romance, poesia e cordel, mantendo um diálogo constante com a tradição popular e com as problemáticas sociais que atravessam o Brasil. Em suas obras, Arraes denuncia estruturas de opressão e marginalização, sobretudo aquelas que atingem corpos femininos e dissidentes, promovendo uma literatura comprometida com as narrativas silenciadas.

Ao narrar histórias pelo ponto de vista feminino, a autora amplia as possibilidades de representação na literatura nacional. Essa representatividade se mostra ainda mais necessária diante do que aponta Regina Dalcastagnè (2012, p. 6), ao afirmar que “o campo literário brasileiro ainda é extremamente homogêneo”, pois permanece dominado por autores homens, brancos e de classe média. Nesse contexto, a literatura de Jarid Arraes emerge como um gesto político de resistência. Em *Corpo Desfeito* (2022), a autora apresenta como núcleo narrativo a vivência de Amanda, uma menina cujo corpo é atravessado por múltiplas formas de violência e controle. Trata-se de um corpo feminino e infantil, que carrega marcas de abuso, mas também potencialidades de resistência e reconstrução identitária.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar como a relação entre corpo, gênero e identidade se configura na obra *Corpo Desfeito*, de Jarid Arraes. A narrativa destaca o diálogo entre corpo, memória e identidade por meio da trajetória da protagonista Amanda, evidenciando como o corpo feminino funciona como um espaço simbólico marcado por experiências traumáticas, afetos e desejos. Por meio de uma narração em primeira pessoa, são reveladas as camadas mais íntimas da personagem, cuja história é permeada por dinâmicas de poder, opressão e subjetivação. A vida de Amanda, desde o nascimento até os seus doze anos, é atravessada por expectativas de gênero herdadas e naturalizadas, que modelam seu corpo e sua percepção de si mesma.

Diante disso, o problema central que orienta esta pesquisa é: *de que forma a corporeidade fragmentada de Amanda constitui-se como um elemento de construção de sua identidade de gênero?* A partir dessa indagação, busca-se compreender como o corpo, marcado por violências e memórias, pode operar não apenas como lugar de opressão, mas também como possibilidade de significação e resistência.

A escolha da obra *Corpo Desfeito* justifica-se por sua relevância no cenário da literatura contemporânea, ao articular narrativas de dor e resistência sob a perspectiva de uma criança protagonista. Ao investigar a representação da corporeidade em suas múltiplas dimensões, este trabalho contribui para os debates interdisciplinares entre literatura, estudos de gênero e teoria social, valorizando produções que rompem com o cânone e abrem espaço para subjetividades historicamente marginalizadas.

Dessa maneira, os objetivos específicos deste trabalho são: compreender de que maneira a voz narradora de Jarid Arraes aborda questões de gênero a partir da protagonista Amanda; identificar como a protagonista, atravessada por diversos acontecimentos traumáticos, comenta sobre si através do corpo; e mostrar de que forma as percepções de Amanda acerca de gênero e do corpo constroem sua identidade.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, voltada à interpretação das camadas simbólicas, culturais e sociais presentes na narrativa. A abordagem qualitativa se justifica pela necessidade de compreender os sentidos atribuídos ao corpo e à identidade na obra analisada, em articulação com os referenciais teóricos utilizados.

Este trabalho está organizado em três capítulos principais. No primeiro capítulo, explora-se como a voz narradora de Jarid Arraes, ao narrar a história de Amanda, comenta sobre questões de gênero a partir da perspectiva da protagonista. Para tanto, utilizam-se teóricos como Heleith Saffiotti (1995; 1987) e Michelle Perrot (2007), que retratam as construções sociais e históricas de gênero, além de Judith Butler (2003), para estudar o conceito de performatividade de gênero. Esse capítulo enfatiza como a narrativa em primeira pessoa possibilita a imersão nas vivências e percepções de Amanda, favorecendo a problematização das imposições e expectativas de gênero.

O segundo capítulo concentra-se na relação de Amanda com seu corpo, marcado por experiências traumáticas e violências. A análise se sustenta em teóricos como David Le Breton (2007), em sua argumentação sobre o corpo como fenômeno social e cultural, e Gaston Bachelard (1993), com a simbologia da casa como espaço de representação do corpo feminino. Também será utilizado Ozíris Borges Filho (2007) para explorar o espaço na literatura e Aleida Assmann (2011) que discute as inscrições corporais. Dessa maneira, será examinado como o corpo, na narrativa, transcende sua dimensão física, tornando-se um campo simbólico de memória, dor e resistência.

No terceiro capítulo, discute-se como as percepções de Amanda sobre gênero e corpo cooperam para a construção de sua identidade. Com base nos conceitos de memória e identidade de Paul Ricoeur (2007), Stuart Hall (2006) e Joel Candau (2016), é feita uma

análise de como as experiências traumáticas, associadas à voz narrativa, contribuem na construção da subjetividade da protagonista. Também será abordado como a fragmentação de Amanda revela um processo de reconstrução de sua identidade de gênero, convertendo-se em um campo de resistência frente às opressões vividas.

Assim, espera-se que esta pesquisa contribua para a ampliação das discussões sobre gênero e corporeidade na literatura brasileira contemporânea, especialmente ao valorizar narrativas que contestam estruturas opressoras e propõem novas formas de existir e resistir por meio da palavra literária.

## 1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO: SUBJETIVIDADE E PERFORMATIVIDADE

A conceituação de gênero, como uma construção social, difere-se da noção biológica de sexo, pois é uma orientação imposta a homens e mulheres sobre suas vivências e expectativas. O termo sexo está vinculado à biologia e trata das características anatômicas e fisiológicas, enquanto o gênero é cultural e varia conforme os aspectos de uma sociedade. Assim, “o gênero diz respeito à **construção social**<sup>1</sup> do masculino e do feminino, modelos difundidos ideologicamente como opostos e, portanto, como complementares” (Saffioti, 1995, p. 196).

O gênero, “por ser relacional, atravessa e constrói a identidade do homem e da mulher” (Saffioti, 1995, p. 8), é socialmente desenvolvido ao longo da história e refletido nas transformações culturais, políticas e econômicas. Com o avanço dos estudos feministas; de modo específico das contribuições de autoras como Simone de Beauvoir (1980), Judith Butler (2003) e Heleith Saffioti (1995), e também das ciências sociais; o conceito de gênero passou a evidenciar que as diferenças entre homens e mulheres vão além dos aspectos biológicos. Esses estudos associaram o gênero às práticas sociais, às normas culturais e às relações de poder, e influenciaram a formação das identidades.

Ao associar essa perspectiva histórica com o contexto brasileiro contemporâneo, observa-se que, embora avanços tenham sido conquistados, ainda permanecem resquícios dessas estruturas patriarcais. As mulheres continuam enfrentando desafios para acessar o espaço público e ocupar posições de poder, enquanto lidam com desigualdades salariais e sobrecarga de trabalho doméstico. Isso traduz como, “na organização social de gênero, contudo, a sociedade consagra a supremacia masculina” (Saffioti, 1995, p. 45), dificultando o avanço da igualdade de gênero.

Essa invisibilidade histórica reflete-se também na subjetividade feminina, como exemplificado na obra de Arraes. A experiência de Amanda evidencia os desafios enfrentados pelas mulheres no meio social e simboliza como esse apagamento continua a moldar a vivência feminina, afetando tanto sua autopercepção quanto como são vistas pelos outros. A própria personagem verbaliza essa percepção ao afirmar: “Entre outras pessoas, minha figura minguava e eu não conseguia ser nada além de invisível” (Arraes, 2022, p. 60).

---

<sup>1</sup> Grifo meu.

Nesse sentido, Michelle Perrot, em *Minha História das Mulheres* (1998), aborda como as posições sociais das mulheres foram historicamente moldadas. Segundo Perrot, a história feminina é marcada pelo silêncio, evidenciado pela exclusão do espaço público e pela limitação aos papéis domésticos.

As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal (Perrot, 1998, p. 16).

Essa exclusão foi estruturada por organizações de poder que instituíram à mulher uma posição subordinada. Assim, para além da invisibilidade histórica, torna-se necessário compreender como essas construções moldam o feminino desde a infância, atravessando gerações e corpos. É nesse contexto que se insere a discussão sobre a construção social de gênero, fundamental para entender as formas pelas quais Amanda, em *Corpo Desfeito*, é atravessada por normas que tentam definir seu lugar no mundo.

### 1.1 A questão de gênero em *Corpo Desfeito*

Além do apagamento simbólico, a exclusão do gênero feminino se concretiza na imposição de papéis sociais que atravessam gerações. Em *Corpo Desfeito*, por exemplo, Amanda herda não apenas as dificuldades enfrentadas por sua mãe e avó, mas também as expectativas impostas sobre seu corpo e sua identidade. Essa interiorização das imposições sociais aparece em uma reflexão da personagem: “Se eu não estivesse com cara de sofrida esfregando calcinha no tanque de lavar roupas, eu não estava na minha condição de espírito ideal” (Arraes, 2022, p. 19).

Esse ciclo de imposições, reforçado tanto pela sociedade quanto por figuras de autoridade familiar, é personificado no controle exercido por seu avô. Ele condiciona o futuro da filha ao casamento: “Apesar das ameaças dos punhos encalotados de vô Jorge, que só aceitaria um casamento, ela começou a trabalhar na mesma semana em que largou as boas notas e o talento para esportes” (Arraes, 2022, p. 12).

Dessa maneira, a citação a seguir reforça o discurso patriarcal e moralista que recai sobre o corpo feminino, especialmente no que diz respeito à sexualidade: “Um fenômeno da impulsividade e um atestado da incapacidade feminina de fechar as pernas, segundo vô Jorge” (Arraes, 2022, p. 12).

O pensamento do avô Jorge reproduz um conceito machista que associa a sexualidade da mulher à desvalorização moral, reforçando estigmas que historicamente culpabilizam as mulheres por escolhas e experiências corporais. Ao associar a sexualidade feminina à impulsividade e à incapacidade de autocontrole, o avô perpetua a

ideia de que o corpo da mulher deve ser regulado para se adequar a padrões morais impostos socialmente.

No contexto do patriarcado intergeracional<sup>2</sup>, esse comentário do avô funciona como um mecanismo de controle sobre o corpo e o comportamento feminino. Para Saffioti (1987, p. 60), “o patriarcado é o mais antigo sistema de dominação-exploração” e “se reduz a ideologia machista” (Saffioti, 1987, p. 91), ou seja, é um sistema que naturaliza a dominação masculina e a submissão feminina. Com isso, o discurso do avô reflete a perpetuação dessa lógica opressora.

A resistência da mãe de Amanda ao optar pelo trabalho, em vez de se casar, configura-se como uma ruptura, ainda que limitada, com as normas tradicionais. Sua escolha é um desejo de autonomia, mas a precarização e a sobrecarga de trabalho que enfrenta mostram como essas tentativas de independência feminina continuam sendo atravessadas por barreiras estruturais. Assim, a narrativa evidencia como o patriarcado se perpetua por meio das gerações, ao mesmo tempo, em que revela as fissuras e resistências que surgem nesse processo.

A rotina de trabalho exaustiva da mãe exemplifica a desvalorização histórica do trabalho feminino e sua associação à exploração:

Eram três os turnos de trabalho. Além do serviço de costura que separava para os sábados e domingos, durante a semana trabalhava numa loja de roupas na rua São Pedro, uma daquelas onde as vendedoras ficam plantadas nos batentes gritando promoções contra quem passa pelas calçadas (Arraes, 2022, p. 14).

Nesse contexto, a protagonista também internaliza essa expectativa social desde cedo: “Então aceitei o que as adultas esperavam, o rodo, a tábua de cortar carne, a bucha fazendo bolhas. A vida de sempre esburacada por períodos de solidão” (Arraes, 2022, p. 43).

A naturalização da subordinação feminina se manifesta também no discurso da avó de Amanda, que revela como o casamento e a aceitação do sofrimento são concebidos como missões divinas, perpetuando a desigualdade de gênero e tornando-a parte do cotidiano sem questionamentos:

Disse que marido é coisa sagrada, casamento é coisa sagrada, é a vontade da Virgem Maria, que as esposas sejam pacientes, que aceitem sua missão. E ela não julgaria nenhuma das amantes de vô Jorge, porque como ela, suportavam suas provações (Arraes, 2022, p. 35).

---

<sup>2</sup> Expressão usada para descrever como estruturas, valores e práticas patriarcais, são transmitidos de geração em geração, perpetuando desigualdades de gênero dentro das famílias, das relações sociais e da cultura em geral.

A percepção de Amanda sobre o contexto familiar também reflete o impacto intergeracional dessas imposições: “Eu tinha pena de mim, de mainha, de vó” (Arraes, 2022, p. 39). Esse pensamento da protagonista reforça a continuidade do ciclo de opressões que naturalizam a inferioridade feminina na sociedade.

A identidade social da mulher é delimitada pela sociedade e, como consequência, os papéis de gênero se transformam em camadas de opressão, principalmente na interseção entre gênero, raça e classe. Nesse sentido, Saffioti enfatiza que:

É de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constituem o caminho mais fácil e curto para legitimar a 'superioridade' dos homens (Saffioti, 1987, p. 11).

Ao tratar a inferioridade feminina como um princípio estruturador da sociedade brasileira, a masculinidade está sempre associada à dominação e a feminilidade à subordinação. Essa associação contribui para a manutenção de sistemas de opressão, como o patriarcado. Saffioti reforça essa ideia ao afirmar:

O gênero constitui uma verdadeira gramática sexual, normatizando condutas masculinas e femininas. Concretamente, na vida cotidiana, são os homens, nesta ordem social androcêntrica, os que fixam os limites da atuação das mulheres e determinam as regras do jogo pela sua disputa. [...] **A violência masculina contra a mulher inscreve-se nas vísceras da sociedade com supremacia masculina**<sup>3</sup> (Saffioti, 1995, p. 32).

A análise de Saffioti sobre a normatização das condutas masculinas e femininas encontra eco na trajetória de Amanda, que desde cedo enfrenta formas de controle e silenciamento, especialmente no ambiente familiar. O patriarcado internalizado se manifesta com força na figura da avó, que desempenha um papel fundamental ao impor expectativas de gênero rígidas, representando essa estrutura opressora de maneira internalizada.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente quando Amanda relata episódios de violência doméstica e psicológica. O fragmento expõe de forma brutal o processo de disciplinamento corporal ao qual a personagem é submetida. A violência física e psicológica atua como um mecanismo de controle social, reafirmando o papel submisso que lhe é imposto:

Ela me bateu na cara com tapas, puxou meu cabelo de tantas formas diferentes que ficou com vários fios nas mãos, depois jogou as mechas no chão do banheiro. Quando bateu no meu rosto três vezes, pontuou o intervalo entre cada pancada com um você, precisa, obedecer (Arraes, 2022, p. 97).

---

<sup>3</sup> Grifo nosso.

Ao descrever esses episódios, a narrativa também revela os momentos em que Amanda questiona e resiste a essas imposições. O ato de resistir constata o início de um processo de ressignificação de sua identidade, na tentativa de parar com as amarras impostas pelo patriarcado.

Além da violência explícita, o patriarcado ainda restringe o acesso das mulheres a espaços de poder e decisão, fortificando estereótipos de gênero e limitando o avanço de políticas públicas.

A história de Amanda retrata como a construção de identidade feminina acontece em um campo de disputa permeado por gênero, corpo e poder. Sua trajetória mostra não apenas a aceitação das normas sociais, mas também a resistência e a luta por reconstruir sua identidade frente às opressões estruturais que marcam a sociedade brasileira. Essa dinâmica se intensifica ao analisar como tais estruturas moldam a subjetividade da protagonista.

## 1.2 A construção da subjetividade de Amanda

*Corpo Desfeito* é narrado por Amanda, uma menina de doze anos que, desde a morte de sua mãe, passa a viver sob os cuidados de sua avó Marlene. Seus dias são controlados de forma rigorosa por abusos físicos e psicológicos, que transformam sua casa em um lugar de repressão e sofrimento. A violência e a negligência que rodeiam Amanda não se restringem somente a ela, pois, decorrem de um ciclo intergeracional de abusos na família. Sua avó, sua mãe, Fabiana, e ela própria estão aprisionadas a essa dinâmica opressiva.

A narrativa em primeira pessoa é um mecanismo que constrói a subjetividade de Amanda e possibilita a imersão do leitor em sua experiência. Como aponta Dalcastagné (2012, p. 86), “o leitor, refletido no narrador, torna-se personagem de uma discussão”, o que amplia a compreensão dos conflitos internos da personagem. Ao narrar sua própria história, a protagonista revela seus pensamentos, suas emoções e sua percepção de mundo, marcada pela dor e pela busca por liberdade.

Essa construção textual delimita o olhar à perspectiva da protagonista, permitindo que suas emoções e interpretações dos acontecimentos tenham centralidade. Além disso, a estrutura do romance exibe um fluxo de pensamento que intercala o passado e o presente e evidencia a dimensão psicológica de Amanda. Essa alternância temporal simboliza a oscilação entre a inocência da infância e a maturidade precoce imposta pela violência e o ambiente opressor, aprofundando a percepção do leitor sobre os efeitos da violência na construção subjetiva da protagonista.

A construção da subjetividade de Amanda acontece em contínuo embate com a realidade social que a rodeia. A relação entre o subjetivo e o social pode ser entendida por Sartre, que aponta a subjetividade humana como um processo de entrelaçamento entre o subjetivo e o social, ou seja, o ser é uma expressão de sua época e uma imagem de suas relações sociais, como afirma o filósofo:

A subjetividade é interiorização e retotalização, isto é, no fundo, para retomar termos mais vagos e, ao mesmo tempo, mais conhecidos: vive-se; a subjetividade é viver o seu ser, vive-se o que se é, e o que se é em uma sociedade, pois não conhecemos outro estado do homem; ele é precisamente um ser social, ser social que, ao mesmo tempo, vive a sociedade inteira do seu ponto de vista (Sartre, 2015, p. 72).

Na situação de Amanda, sua construção subjetiva ocorre em conflito com um sistema normativo que dita restrições ao seu corpo e aos seus desejos, condicionando-a a viver dentro dos limites estabelecidos pela estrutura social. Nesse contexto, a figura da avó emerge como um dos principais agentes dessa normatização, representando as forças sociais que atuam sobre ela.

Sartre (2015, p. 96) destaca essa ideia ao dizer que “a subjetividade é um processo indispensável da passagem à objetivação”, isso significa que a construção subjetiva de Amanda ocorre através de sua experiência interna e da ressignificação de sua posição no mundo. No caso, sua subjetividade não apenas reflete as imposições externas, mas também tensiona esses limites, ressignificando seu lugar no mundo ao longo da narrativa.

Além disso, a subjetividade, de acordo com Sartre, não necessita ser vista como uma relação direta e imediata com o sujeito, mas sim como “um sistema, um sistema em interioridade” (Sartre, 2015, p. 21). Nesse sentido, “sendo a subjetividade simplesmente o nosso próprio ser, isto é, a nossa obrigação de ter-de-ser nosso ser, e não apenas de sê-lo passivamente” (Sartre, 2015, p. 47), a protagonista não apenas vivencia sua identidade de forma estática, mas precisa construí-laativamente, enfrentando as imposições sociais que tentam moldá-la.

Ao desafiar as normas sociais impostas ao seu corpo, Amanda abre caminho para análise da performatividade e desconstrução de gênero. A análise a seguir revela como a personagem cria novas formas de expressão e vivência.

### **1.3 Performatividade e desconstrução de gênero em Amanda**

A escrita de Arraes dialoga com o conceito de performatividade, ao romper com construções lineares e normativas, oferecendo uma multiplicidade de significados através das descrições sensoriais, fragmentação temporal e focalização nas experiências corporais.

Performatividade de gênero é um termo formulado pela filósofa Judith Butler, em seus estudos sobre gênero e identidade, que permite a compreensão do gênero como uma construção social manifestada por práticas corporais e discursivas. Ou seja, a performatividade é uma repetição de normas sociais preexistentes, e carrega em si o potencial da desconstrução, ao abrir espaço para novas possibilidades de expressão e vivência.

Em sua obra *Problemas de Gênero*, Butler apresenta o conceito de gênero não como uma identidade estável do sujeito, mas como um produto de atos reiterados, performances que, em suas repetições, cristalizam-se no tempo. Como a autora afirma:

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (Butler, 2003, p. 59).

Esses atos repetitivos são compostos por gestos, comportamentos e discursos que, ao longo dos anos, se ajustam às expectativas sociais relacionadas à identidade de gênero. Desse modo:

A identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal e cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que fazem referência lateral a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno, ou ainda, parodiam o mecanismo dessa construção (Butler, 2003, p. 197).

A partir dessa perspectiva, o gênero é performado conforme normas sociais historicamente construídas, que, em suas repetições, sintetizam a aparência de naturalidade. No entanto, segundo Butler, é nesse processo reiterativo que residem as possibilidades de subversão. Assim, as performances podem ser reconfiguradas, abrindo espaço para a desconstrução das normas de gênero estabelecidas.

Ademais, Butler ressalta que essas próprias normas, embora aparentemente fixas, são transformadas pelas performances, que se refere aos atos, gestos e comportamentos que manifestam ou desafiam as normas de gênero. Dessa forma, por meio dessas transformações, o sujeito reinscreve sua própria identidade.

Essas reflexões teóricas encontram ressonância na história de Amanda em *Corpo Desfeito*, cuja vivência revela como as performances de gênero podem ser tanto um instrumento de opressão quanto um caminho para a resistência e desconstrução identitária. Na obra, percebe-se como sua vida é atravessada pela performatividade, evidenciada em seus gestos, escolhas e pensamentos.

Pode-se citar, como exemplo, a partir de *Corpo Desfeito*, as atitudes de Marlene, avó de Amanda, que submetem a neta a um ambiente de fanatismo religioso. A santificação da filha após sua morte é construída gradualmente por meio da repetição das

orações, como relata Amanda: “Minha boca repetia pelo oitavo mês seguido” (Arraes, 2022, p. 8) e “Era o normal de minha vida. Contava com a repetição daquela reza, soberba em sua segurança, direcionada à mainha” (Arraes, 2022, p. 8). O ato repetitivo dessa oração demonstra um discurso religioso operado pela avó como um ato performativo.

Além da dimensão religiosa, Amanda, desde criança, foi obrigada a reproduzir comportamentos e responsabilidades tradicionalmente associados ao corpo feminino. Como exemplifica a protagonista: “Eu tinha onze anos e já cuidava da casa há pelo menos três” (Arraes, 2022, p. 17).

As práticas domésticas são normas de gênero que moldam a figura feminina na sociedade. Isso é evidenciado quando Amanda, mais uma vez, relata a realização de tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres:

As semanas seguintes pareciam o mesmo pesadelo repartido em ordens diferentes, mas conservando seu miolo. Espiritada como a mulesta, vó me obrigou a repetir a mesma limpeza muitas vezes e me chantageou para que eu fizesse almoço e janta. Todos os dias, chegava da escola e cozinhava para nós duas (Arraes, 2022, p. 42).

A repetição dessas atividades domésticas exemplifica o que Butler descreve como a estilização do corpo:

O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero (Butler, 2003, p. 200).

Essa construção da identidade de gênero, atrelada às normas sociais, não se limita às tarefas domésticas, mas se estende a todas as esferas da vida de Amanda, sendo reforçada pelas figuras do avô e da avó. Ambos, em diferentes níveis, internalizam e reproduzem as normas patriarcais, impondo à protagonista um ambiente de opressão. A figura do avô Jorge, em especial, transforma o espaço familiar em um local de violência e controle. Assim, Amanda descreve:

E pelas pisas que eu levava, pelos cipós nos cambitos, milhos nos joelhos, pelas peixeiras brilhando no quarto escuro, por tudo o que sempre fez de minha vida uma espécie de maratona para o inferno, pensar naquele velho bem longe, em nunca mais ver vó Jorge, era mesmo como encontrar um milagre no meio do trajeto (Arraes, 2022, p. 39).

A repetição da violência pode ser interpretada como um ato performativo de dominação, ou seja, práticas corporais repetidas que reforçam a normatividade de gênero. Contudo, ao idealizar a ausência do avô como um milagre, Amanda vê a possibilidade de quebrar esse ciclo.

A subversão se manifesta nas pequenas rupturas que Amanda provoca ao recusar as normas impostas. Ao resistir às obrigações domésticas e questionar as crenças

religiosas de Marlene, Amanda reconfigura as performances corporais e discursivas que antes lhe eram compulsoriamente atribuídas. Essas variações, embora sutis, revelam o potencial subversivo da performatividade, pois desestabilizam a aparência de naturalidade do gênero que lhe foi imposto.

Nesse sentido, a narrativa de *Corpo Desfeito*, ao acompanhar a trajetória de Amanda, simula o processo de desconstrução de gênero. A utilização de uma linguagem introspectiva está alinhada à proposta teórica de Butler que mostra o gênero como um campo de disputa e performance. A história de Amanda reforça essa desconstrução de gênero como um processo contínuo, que ocorre relacionando o corpo, a linguagem e o mundo.

Dessa forma, a análise da performatividade e desconstrução de gênero na protagonista, com base no conceito de Judith Butler, simboliza a identidade de gênero com significações e possibilidades. *Corpo Desfeito*, assim, se caracteriza como um espaço literário em que a performatividade do gênero é vista em sua complexidade, oferecendo uma reflexão profunda sobre a constituição da identidade a partir do corpo e da linguagem.

Nesse contexto, a forma como a narrativa é construída desempenha um papel essencial: a linguagem não apenas comunica a experiência da personagem, mas também a constitui. A seguir, será analisado como a linguagem narrativa atua como uma forma de resistência performativa.

### **1.3.1 Linguagem narrativa como resistência performativa**

A forma narrativa adotada por Jarid Arraes em *Corpo Desfeito* contribui significativamente para a subversão de normas fixas de identidade. A linguagem introspectiva, fragmentada e marcada por uma oralidade que tensiona o cânone literário tradicional, participa diretamente desse processo. Ao rejeitar uma narração linear e normativa, a autora simboliza, por meio da forma, a desconstrução de um gênero fixo. A própria estrutura do romance performa resistência, abrindo espaço para múltiplas possibilidades de expressão identitária.

Esse aspecto pode ser observado na escolha da voz narradora, uma menina de doze anos cujas percepções estão em constante transformação. A trama conduz o leitor a uma imersão subjetiva no fluxo de consciência de Amanda, revelando sua interioridade de forma não linear, muitas vezes marcada por repetições, interrupções e devaneios. Essa voz, ao se aproximar da linguagem cotidiana e dos sentidos corporais, desestabiliza padrões formais e institucionais de escrita.

A escolha por uma protagonista em fase de formação, atravessada por conflitos internos e experiências traumáticas, evidencia ainda mais o caráter performativo da identidade. A subjetividade de Amanda não é fixa, mas construída a partir de suas vivências e das formas como ela as narra. Nesse sentido, a linguagem torna-se não apenas veículo, mas também instrumento de ressignificação da própria existência.

O aspecto fragmentário da obra, tanto no tempo narrativo quanto na construção das imagens e lembranças, remete à ideia de um corpo em processo de reconstrução. A descontinuidade entre memória, sensação e discurso cria uma narrativa que espelha a instabilidade da identidade de Amanda. Essa fragmentação dialoga diretamente com o título da obra, *Corpo Desfeito*, no qual o corpo em ruína e a linguagem em fratura convergem para a constituição de uma subjetividade em movimento.

Essa experiência de fragmentação encontra expressão significativa na seguinte passagem:

Então lembro de minha cama e das coisas que ela tentava me fazer entender. Pedaços. Eu deveria ir ao médico, aquilo era alguma doença. Abri os olhos e meu quarto estava assombrado por velas, suas silhuetas dançando nas paredes. Não conseguia me mexer, falar, muito menos levantar. Desespero, pânico, boca seca. Senti lágrimas escorrerem pelos lados do meu rosto, algumas entrando nos meus ouvidos (Arraes, 2022, p. 105).

Nesse trecho, a sensação de imobilidade, pânico e desconexão com o corpo exemplifica a fragmentação vivida pela protagonista, onde o corpo não se apresenta todo coerente, mas como um espaço de sofrimento, medo e dissolução. A forma de expressão sensorial e introspectiva materializa o trauma e a vulnerabilidade da personagem, dando forma literária à instabilidade da identidade em construção.

Além disso, a maneira como Arraes estrutura o tempo narrativo contribui para essa resistência performativa. Não há um desenvolvimento linear dos acontecimentos, em vez disso, o passado invade o presente narrativo constantemente, como uma memória que se impõe ao corpo e à fala. Esse tempo entrecortado e simultâneo reflete uma dimensão central na história de Amanda, e também simboliza a impossibilidade de uma identidade fechada e coerente, nos moldes tradicionais.

A linguagem, nesse contexto, atua como um mecanismo de materialização da dor. É exatamente isso que a narrativa de Arraes realiza: cria um espaço textual onde o indizível pode se insinuar por meio de silêncios, repetições e imagens sensoriais. A resistência, portanto, também se realiza na forma como a linguagem lida com a memória do corpo.

Nesse processo, o corpo deixa de ser uma entidade física contínua e torna-se matéria simbólica, espaço de deslocamento e transcendência, como ilustra a cena em que Amanda vivencia uma espécie de dissociação:

O corpo pelado virou fumaça de anseio e me enxerguei flutuando pelo quarto. Estiquei o dedo indicador para tocar a estátua que imitava tão bem os traços dela. Queria sentir a trama macia de sua pele só mais uma vez e, de tanto querer, me soltei de minha carne. Nada conseguia me puxar de volta. Do alto, escutei a última ordem (Arraes, 2022, p. 8).

A passagem revela uma ruptura entre o corpo e o eu, expressa por uma linguagem que transita entre o real e o onírico, o concreto e o simbólico. O desejo e a ausência se entrelaçam em uma narrativa sensorial que reforça o processo de desestabilização identitária. A escrita, nesse caso, não apenas representa o corpo, mas o performa; o corpo é desfeito, como o próprio título da obra sugere, e é nela que encontra formas provisórias de existência.

Ao adotar uma narrativa que recusa a homogeneidade e a linearidade, Jarid Arraes constrói uma escrita que se confunde com a própria resistência da personagem. Assim, a literatura torna-se não apenas representação, mas espaço performativo onde o corpo, o gênero e a identidade são vividos, narrados e reinventados. A voz narrativa, ao expressar as tensões de Amanda com o mundo, também tensiona as estruturas da própria escrita, instaurando um modo de narrar que é, em si, um ato político.

Por essa perspectiva, *Corpo Desfeito* não apenas tematiza a performatividade do gênero; a própria escrita da obra se torna uma performance subversiva, que inscreve no texto os conflitos e rupturas da personagem. O estilo fragmentado, íntimo e sensorial da linguagem não apenas comunica a dor de Amanda, mas participa ativamente da construção de sua identidade. Trata-se de uma escrita do corpo que se faz contra as normas, reinventando-as no próprio ato de narrar.

O capítulo a seguir aprofunda essa dimensão ao explorar as inscrições corporais, a memória no espaço da casa, analisando como esses elementos contribuem para a narrativa e a constituição da identidade da protagonista.

## 2 CORPO SIMBÓLICO: VIOLÊNCIA E O ESPAÇO DA CASA

O corpo humano, na perspectiva sociocultural, constitui um elemento essencial na interação do indivíduo com a realidade. Como um espaço de ressignificações, ele é condicionado por discursos históricos, regras sociais, princípios e crenças que orientam sua compreensão. Essas construções sociais influenciam a maneira como ele é compreendido, representado e vivenciado, mostrando sua importância simbólica e seu papel na formação das identidades e subjetividades.

Além de ser um construto social, também se inscreve no campo da literatura como espaço de múltiplas significações, que transcendem sua materialidade. Nas narrativas, a corporeidade é mediada por essa dimensão simbólica e assume um lugar de memória, resistência e subjetivação. Dessa forma, o corpo se configura como sujeito da cultura, atuando como um meio de expressão que desafia estereótipos, desconstrói normas e revela as complexas relações entre o indivíduo e a sociedade.

Ao longo dos anos, o estudo sobre o corpo passou por significativas transformações culturais, filosóficas, religiosas e científicas. Na antiguidade, era idealizado, como um modelo estético dentro da tradição greco-romana ou como uma dimensão secundária em comparação com a alma, conforme o pensamento platônico. Na idade média, com o avanço do cristianismo, estabeleceu-se como uma repressão moralista e espiritual.

Já nos séculos XIX e XX, devido às ciências humanas e às teorias críticas, foi reconhecido como uma construção simbólica e social, conforme estudado pelo sociólogo francês, David Le Breton, em sua obra *A sociologia do Corpo* (2007).

Essa perspectiva crítica revela que o corpo não é uma entidade fixa e universal, mas um espaço de construção social e cultural. Como destaca Le Breton:

o corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que o encarna (Le Breton, 2007, p. 26).

Assim, não pode ser compreendido como um dado objetivo e natural, pois “é uma falsa evidência, não é um dado inequívoco, mas o efeito de uma elaboração social e cultural” (Le Breton, 2007, p. 26).

Nesse contexto, Le Breton apresenta o corpo como um elemento do imaginário social:

A imagem do corpo é aqui a imagem em si, alimentada pelas matérias simbólicas que mantêm sua existência em outros lugares e que cruzam o homem através de uma fina trama de correspondências. O corpo não se

distingue da persona e as mesmas matérias-primas entram na composição do homem e da natureza que o cerca (Le Breton, 2007, p. 30).

Por isso, é uma construção social e age como um vetor semântico, no qual a subjetividade é inscrita e manifestada. Dentro dessa perspectiva, Le Breton enfatiza que o corpo ultrapassa sua dimensão biológica, sendo “o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (Le Breton, 2007, p. 7). Nesse sentido, o autor destaca que “através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida, traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade” (Le Breton, 2007, p. 7).

A compreensão do corpo como instância simbólica e socialmente construída, conforme apontado por Le Breton, permite ampliar o olhar sobre suas representações na literatura. Portanto, a literatura torna-se um espaço privilegiado para explorar como os corpos são atravessados por discursos sociais, históricos e culturais, revelando tensões relacionadas à identidade, gênero e subjetividade.

## 2.1 O corpo na narrativa de Arraes

Pensar sobre o corpo como construção social encontra eco na narrativa de Jarid Arraes, especialmente na forma como a corporeidade da protagonista se torna um espaço de conflito e resistência.

Em *Corpo Desfeito*, o corpo feminino é transformado em um campo de embate simbólico, marcado pela violência, pelos desejos, pela resistência e pela reconstrução. A protagonista, Amanda, tem uma relação conflituosa consigo mesma devido às ações da família, sobretudo, o avô, que simboliza o patriarcado e discursos normativos de gênero.

A análise dessa personagem à luz da teoria de Le Breton permite compreender como a corporeidade de Amanda não é apenas um elemento biológico, mas uma construção atravessada por significados culturais e históricos. Dessa maneira, ele argumenta:

O corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.) (Le Breton 2007, p. 30-31).

Nesse sentido, sua materialidade é evidenciada no romance pelas marcas que o tempo, a violência e a vulnerabilidade imprimem sobre ele:

Meu corpo mostrava as costelas, o umbigo mal cortado que virou uma bolinha para fora, as cicatrizes, queloides, os pelos finos nos braços e pernas. Talvez fosse assustador o meu semblante bege de menina de doze anos, sustentando meu peso sobre joelhos pontudos, quieta, numa espera sem ponteiros (Arraes, 2022, p. 7).

A descrição anatômica da personagem revela a fragilidade de sua condição e como seu corpo é marcado fisicamente. As cicatrizes, queloides e a magreza são traços físicos que refletem essa vivência, mas também evidenciam as normas sociais que impõem um modelo de corpo feminino vulnerável e controlado.

O corpo de Amanda, portanto, não apenas sofre as consequências da violência que o atravessa, mas se torna um campo simbólico de resistência e dominação. Esse conflito se manifesta no desejo de fuga da protagonista, que expressa a insustentabilidade de sua condição ao afirmar:

Eu quero sair do meu corpo e ser outra coisa. Quero ser outro tipo de gente, um tipo que ninguém consegue trancar no escuro, nem forçar a tirar a roupa, e eu já vivo tão acostumada a isso, como é que se acostuma a esse tipo de coisa? Por que eu não grito? A vizinha dona do galo com certeza ia escutar. Mas eu só choro. Quero ser outra pessoa que não chore quando deveria era gritar. Cheguei até aqui querendo evitar tanta coisa, evitar o castigo, evitar a vergonha, evitar não ter pra onde ir (Arraes, 2022, p. 114).

O desejo de Amanda de escapar de si mesma evidencia como essa prisão simbólica é marcada por traumas e pela violência estrutural que a silencia. Além das marcas visíveis, o corpo de Amanda carrega as dores e angústias que a atravessam: “Estou carregando pedras dentro de mim, coisas pontudas, e tanta coisa que não sei descrever” (Arraes, 2022, p. 103).

Esse sofrimento se reflete na maneira como a protagonista percebe sua própria corporeidade: “O corpo inteiro pedindo licença para escapar tristeza, e eu de olhos fechados, sentindo em perigo as minhas camadas ainda malformadas” (Arraes, 2022, p. 56-57).

Essa percepção de um corpo que fala, mas que nem sempre pode ser nomeado, também é destacada na narrativa: “Meu corpo falava, mas eu não conseguia nomear as sensações. Não era medo, ou talvez fosse. Um pouco de confusão, mas as regras eram diretas e claras” (Arraes, 2022, p. 71).

O corpo de Amanda, silenciado pelas condições de violência, reforça a ideia de que não é apenas um receptor passivo de sofrimento, mas “um campo de força em ressonância com os processos de vida que o cercam” (Le Breton, 2007, p. 26).

Além disso, a reação da avó de Amanda à presença ameaçadora de vô Jorge também sublinha o caráter vívido do corpo em um ambiente de violência estrutural. Em uma cena, a avó sevê imersa em uma dinâmica de poder e medo, onde o corpo se torna um espaço de resposta instintiva:

Então vô Jorge apareceu ao lado dela, com uma peixeira na mão. Não ameaçou com a voz, não gritou, não fez nenhum gesto brusco que indicasse um golpe. Se manteve de pé, olhando para vô de forma muito concentrada. Era horrível.

Pior porque, para vó, parecia algo familiar. Algo a que ela sabia bem como reagir. Talvez não se mexesse porque sabia como esperar (Arraes, 2022, p. 36).

A avó, que já conhecia a violência do marido, não reage imediatamente, o que apresenta uma memória corporal de subordinação, em que o corpo, antes de reagir, se ajusta e aguarda o próximo movimento, como se soubesse o que esperar. Essa cena reforça como o corpo não apenas suporta as marcas do abuso, mas também se adapta e se condiciona aos ciclos de opressão, como um mecanismo de sobrevivência em uma estrutura social que perpetua a violência.

As vivências de Amanda e sua avó ilustram como os significados do corpo são continuamente ressignificados em contextos de opressão. A fragmentação, tanto física quanto subjetiva, torna-se base para a compreensão de si mesmas e de seus lugares no mundo. A partir disso, será analisado a corporeidade como espaço simbólico e os efeitos da experiência traumática.

## 2.2 As “escritas” do corpo

A ideia de corpo marcado pode ser entendida em diferentes perspectivas. Fisicamente compreende todas as marcas corporais visíveis advindas da violência, simbolicamente emerge como um espaço de denúncia, que manifesta experiências dolorosas, opressivas e de luta. Assim, o corpo marcado se configura em linguagem: ele denuncia os traumas vividos, resiste ao silenciamento e estabelece uma forma de narrativa que excede os limites do discurso verbal.

A teórica alemã Aleida Assmann, em sua obra *Espaços da recordação: Formas e Transformações da Memória Cultural*, concebe o corpo como uma materialização simbólica dos processos que atravessam o sujeito. Nesse sentido:

As escritas do corpo surgem através de longa habituação, através de armazenamento inconsciente e sob a pressão de violência. Elas compartilham a estabilidade e a inacessibilidade. Dependendo do contexto, serão avaliadas como autênticas, persistentes ou prejudiciais (Assmann, 2011, p. 260).

Dessa forma, Aleida Assmann ainda afirma que há uma relação entre o corpo e o espaço, uma vez que ocorre a “corporificação” da continuidade, isto é, a memória transita entre o corpo e o espaço, validando a recordação:

Mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos (Assmann, 2011, p. 318).

A casa, então, assume esse local de solidificação e validação que oprime, delimita e disciplina, mas também inscreve subjetividades. Ao reconhecê-la como um lugar de confinamento e reprodução da docilidade, é possível avançar para uma reflexão mais profunda: a metáfora da casa como extensão do corpo feminino, revelando como o espaço íntimo e privado também é atravessado por relações de poder, violência e resistência.

Essa reflexão permite compreender como, em *Corpo Desfeito*, os corpos femininos são violentamente pressionados, o que incide sobre a subjetividade das personagens.

As violências vividas pela protagonista na obra são responsáveis pela complexa relação com o próprio corpo. Desde o início da narrativa, observa-se que a sua corporeidade é violentada e objetificada por figuras que ocupam posições de poder em sua trajetória.

No excerto a seguir, a violência física atua como instrumento de dominação e silenciamento, reiterando a posição de corpo vulnerável. Ao descrever a agressão, Amanda revela não apenas a intensidade da dor corporal, mas também como tenta subverter esse sofrimento por meio da dissociação entre corpo e consciência. A partir dessa separação subjetiva, evidencia-se um mecanismo de autoproteção diante do trauma, permitindo que a personagem suporte a violência extrema:

Ela me bateu na cara com tapas, puxou meu cabelo de tantas formas diferentes que ficou com vários fios nas mãos, depois jogou as mechas no chão do banheiro. Quando bateu no meu rosto três vezes, pontuou o intervalo entre cada pancada com um você, precisa, obedecer. Me encostou contra a parede pressionando meus ombros, que estralaram, e tive muito medo de que ela fosse quebrar meus ossos. Olhou para o chuveiro e tirou a mangueirinha de plástico. Dobrou ao meio como um chicote e então eu me despreguei do meu corpo (Arraes, 2022, p. 97).

Outra cena que também mostra a brutalidade física imposta à protagonista ocorre durante um castigo dado por sua avó:

Depois da ameaça, vó estralou o cinto nas minhas pernas. Oito, nove, dez lapadas. Chicoteou minha bunda com a ponta pesada que terminava com a fivela dourada. Achou que o couro era pouco e tirou um cipó verde do pé de fruta. O cipó machucou mais do que o cinto (Arraes, 2022, p. 44).

Todas essas experiências violentas impostas não se apresentam como eventos isolados, mas como parte de um ciclo estrutural de violência geracional. Essa dinâmica é evidenciada pela narrativa ao mencionar que a mãe da personagem também foi vítima de agressões físicas desde a infância: “Tanto os tapas e murros como os maus-tratos contra mainha, ainda bebê” (Arraes, 2022, p. 29). A recorrência dessas práticas no seio familiar aponta para a naturalização da violência como método disciplinar e pedagógico.

Nesse contexto de violência sistemática e hereditária, o ambiente doméstico assume um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que deveria oferecer proteção e afeto, torna-se palco de opressão, dor e silenciamento. A casa, longe de ser um espaço neutro, carrega marcas da violência vivida pelas personagens e atua como extensão simbólica do corpo feminino ferido. Essa relação entre espaço físico e experiência subjetiva se aprofunda na análise a seguir.

### 2.3 A casa como metáfora da representação do corpo feminino

O espaço físico, em uma narrativa, assume uma carga simbólica que ultrapassa sua dimensão objetiva, articulando-se a aspectos afetivos, memorialísticos e relacionais. Quando vinculado ao corpo feminino, esse espaço torna-se expressão de um entrelaçamento entre materialidade e subjetividade, revelando camadas profundas da experiência vivida. Na obra *Corpo Desfeito*, de Jarid Arraes, a metáfora da casa configura-se como um instrumento analítico potente para a compreensão da corporeidade fragmentada e em processo de reconstrução da protagonista, funcionando como reflexo simbólico de sua subjetividade e de sua trajetória marcada pela violência e pela resistência.

A partir da perspectiva de Ozíris Borges Filho, o espaço narrativo adquire densidade simbólica à medida que se torna permeado pelas emoções, memórias e percepções dos sujeitos que o experienciam. Como afirma o autor: “quanto mais o narrador ou eu lírico demonstram seu sentimento em relação ao espaço, mais a espacialização será subjetiva” (Borges Filho, 2007, p. 68). Essa afirmação evidencia que o espaço literário não é neutro nem puramente descritivo, mas construído a partir da interioridade das personagens e de suas vivências. Nessa dinâmica de interação, ainda salienta que “influenciado pelo espaço a personagem se comporta de maneira diversa” (Borges Filho, 2007, p. 38).

Dessa forma, a casa de Amanda é apresentada como uma extensão de sua subjetividade, funcionando como espaço de projeção simbólica de seus afetos, traumas e desejos. A própria descrição que a narrativa oferece desse ambiente já prenuncia essa relação intrínseca: “Aquela casa com sua aparência oca e o cheiro de álcool feito neblina” (Arraes, 2022, p. 36). Nessa descrição sensorial da personagem, o ambiente é descrito como um espaço vazio, talvez marcado pela ausência ou pela deterioração, e impregnado por uma atmosfera opressora.

Segundo Borges, “o espaço é a base para a manifestação dos fenômenos e não uma determinação deles. Dito de outro modo, o espaço é a condição da possibilidade dos

objetos externos" (Borges Filho, 2007, p. 17). A partir dessa concepção, comprehende-se que a casa não apenas abriga o corpo de Amanda, mas também potencializa as experiências corporais que ela vivencia, tornando-se parte ativa na constituição de sua identidade fragmentada.

Ainda sobre o conceito de espaço, o autor acrescenta que:

Quando falamos de espaço, referimo-nos tanto aos objetos e suas relações como ao recipiente, isto é, à localização desses mesmos objetos. Além disso, nunca podemos esquecer o observador a partir do qual aquelas relações são construídas na literatura. Assim, ao analisarmos um espaço qualquer, por exemplo, casa, navio, escola, etc., não podemos esquecer dos objetos que compõem e constituem esse espaço e de suas relações entre si e com as personagens e/ou narrador (Borges Filho, 2007, p. 17).

Nessa perspectiva, o espaço deixa de ser um mero cenário e passa a operar como um elemento ativo da narrativa, constituído pelas interações entre seus componentes materiais e subjetivos. Como aponta (Borges Filho, 2007, p. 39), "A personagem transforma o espaço em que vive, transmitindo-lhe suas características ou não". Com isso, a casa da avó Marlene é impregnada por essas relações: objetos, lembranças e afetos a transformam em uma extensão simbólica da subjetividade da neta.

Gaston Bachelard (1993) aprofunda essa ideia ao abordar a casa como a topografia do nosso ser íntimo, pois é ela que abriga as marcas da memória e da imaginação: "Com a imagem da casa temos um verdadeiro princípio de integração psicológica" (Bachelard, 1993, p. 20), ou seja, essa imagem está no sujeito tanto quanto o sujeito está nela.

Para o autor, "a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo" (Bachelard, 1993, p. 24), o que reafirma o lugar da casa como centro originário das experiências afetivas e do enraizamento simbólico do ser. Nessa mesma linha de pensamento, afirma que "a casa, mais ainda que a paisagem, é um estado de alma. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, ela fala de uma intimidade" (Bachelard, 1993, p. 84).

Ainda em sua obra, Bachelard trabalha a imagem do cofre:

No cofre estão as coisas inesquecíveis; inesquecíveis para nós, mas também para aqueles a quem daremos os nossos tesouros. O passado, o presente, um futuro nele se condensam. E assim o cofre é a memória do imemorial (Bachelard, 1993, p. 97).

Seguindo essa imagem, na obra de Arraes, um cômodo da casa de Marlene adquire uma ressonância simbólica profunda, o quartinho, assim denominado por Amanda. Um local que armazenava as coisas de sua mãe falecida e consequentemente suas lembranças. Para a personagem, esse espaço atuava como o cofre descrito pelo filósofo, preenchido pelas memórias da figura materna e o tempo afetivo compartilhado.

No entanto, essa função memorial é alterada pela avó:

Fui ver o que vó tanto fazia e encontrei o quintal cheio das coisas que ficavam no quartinho de costura. Nas costas de vó, a cadeira que mainha usava para sentar e costurar. Calada, cheguei mais perto e parei diante da porta do quartinho, era a primeira vez que aquela porta abria desde que mainha tinha morrido. Quando me aproximei, vi que estava quase vazio. Sobravam a estante de linhas e um baú onde ficavam retalhos de todos os tipos e que serviam como amostras (Arraes, 2022, p. 48).

O ato de esvaziamento representa uma ruptura com esse espaço de memória e afeto. A imagem dos pertences da mãe sendo retirados e levados para o quintal sugere uma descontextualização e uma possível tentativa de apagar ou ressignificar as lembranças ali contidas. O silêncio de Amanda ao se aproximar da porta, que não era aberta desde a morte da mãe, enfatiza a importância que o quartinho possuía para ela.

Após esvaziar o espaço da memória da mãe, a avó o transforma em um quarto de reza e manipulação:

O quartinho estava todo montado. Um oratório bem centralizado, uma mesinha estreita logo abaixo, uma toalha branca rendada, duas velas brancas de cada lado e um vasinho de flores falsas com gotas de cola quente imitando orvalho (Arraes, 2022, p. 53).

A substituição dos objetos pessoais da mãe por esses artefatos religiosos simboliza não apenas uma alteração estética do ambiente, mas também uma transformação da subjetividade de Amanda e de sua maneira particular de processar a ausência materna, o que permite retomar Bachelard, para quem “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (Bachelard, 1993, p. 26).

No entanto, esse ideal de abrigo e acolhimento não se realiza na experiência de Amanda. Ao contrário, o espaço doméstico torna-se, para ela, um território onde o devaneio é interrompido pela violência e onde o corpo, em vez de protegido, é invadido e vulnerabilizado. Como expresso pela protagonista: “O abrigo e a caverna se confundem” (Arraes, 2022, p. 8).

Essa ambiguidade entre o espaço de proteção e um lugar potencialmente isolado e opressor se manifesta na vivência de Amanda, que revela:

Meu castigo era passar todo o tempo dentro daquela casa, sem encontrar mais ninguém, sem sair sequer para fazer as compras e pagar as contas. Responsabilidades que sempre foram minhas (Arraes, 2022, p. 87).

A descrição do confinamento imposto à personagem expressa como o lar se transforma em um espaço de restrição e perda de autonomia. O que é reforçado na narrativa quando a protagonista expressa: “Não suportava mais aquela prisão escura” (Arraes, 2022, p. 87). A comparação da casa com uma prisão escura resume a atmosfera

opressiva do espaço, em total dissonância com a visão bachelardiana de um espaço onírico e protetor.

Dessa forma, mesmo marcada por experiências fragmentárias e traumáticas, a casa permanece carregada de complexidade simbólica. Como afirma o filósofo:

A casa é, evidentemente, um ser privilegiado; isso, é claro, desde que a consideramos ao mesmo tempo em sua unidade e em sua complexidade, tentando integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental. A casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens (Bachelard, 1993, p. 23).

Esse espaço, longe de ser um lugar físico, é um ponto de fixação de memórias e experiências:

Aqui o espaço é tudo, pois o tempo já não anima a memória. A memória – coisa estranha! – não registra a duração concreta, a duração no sentido bergsoniano. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas (Bachelard, 1993, p. 28-29).

Nesse contexto, a relação entre o indivíduo, suas memórias e o espaço em que está inserido é indissociável. O espaço é um meio na formação do “eu” que funciona como ponto de apoio para a memória e como um cenário de manifestação e transformação da identidade. Assim, estabelece as lembranças e também atua dinamicamente no relacionamento do indivíduo de compreender, de se posicionar no mundo.

Em face do exposto, a análise da metáfora da casa em *Corpo Desfeito* ilustra a ligação entre espaço, memória e a construção da identidade da protagonista. A ambivalência do lar, oscilando entre abrigo e prisão, e a transformação do quartinho como espaço de memória disputado, revelam como as dinâmicas espaciais moldam a experiência de Amanda e influenciam a sua relação com o passado e o presente. Essas intrincadas relações entre espaço, memória e a busca por identidade serão aprofundadas no próximo capítulo, que se dedicará à análise da construção da personagem de Amanda sob as lentes da memória e da resistência.

### 3 IDENTIDADE, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: A CONSTRUÇÃO DE AMANDA

A relação dialética entre memória e identidade manifesta-se como um processo dinâmico e interdependente, no qual cada uma interfere e transforma a outra ao longo do tempo. Longe de constituírem instâncias fixas ou estáveis, ambas se constroem em constante movimento, acompanhando as alterações da experiência e das formas de consciência, tanto no plano individual quanto no coletivo. Trata-se de um jogo contínuo de ação e reação, que evidencia a potência de ressignificação diante das mudanças sociais, culturais e subjetivas.

Sobre essa dinâmica, Joel Candau, em sua obra *Memória e Identidade*, afirma:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2016, p. 16).

Assim, a memória fortalece a identidade, alimenta com seletividade, cheia de esquecimentos, traumas, silêncios e reinvenções. Opera por meio de reconstruções contínuas, filtradas pelos sentimentos, pelas circunstâncias sociais e pelos sentidos do ser humano. No entanto, essa mesma força que estrutura a identidade também pode desestabilizá-la:

A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias [...] de fato, o jogo da memória que funda a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos (Candau, 2016, p. 18).

É nesse processo ambivalente, em que se entrelaçam lembranças e apagamentos, que a identidade se reconfigura, sustentada por narrativas pessoais e coletivas que dão sentido às experiências vividas. Como reforça o autor:

Se a memória é “geradora” de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a “incorporar” certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais (Candau, 2016, p. 19).

Dessa forma, não se trata apenas de lembrar, mas de selecionar o que será lembrado, em um esforço de coerência identitária que é simultaneamente subjetivo e socialmente condicionado. A memória desempenha, portanto, uma força organizadora da identidade. Como bem observa Candau:

De fato, memória e identidade, se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (Candau, 2016, p. 19).

A identidade, nesse contexto, não é uma essência a ser descoberta, mas uma construção contínua, apoiada na memória como fio condutor das narrativas que o sujeito escolhe habitar e comunicar ao mundo. Assim, a dialética entre memória e identidade estrutura a percepção subjetiva do sujeito e revela como ele reinventa e reinscreve sua existência.

É a partir dessa perspectiva que se pode analisar como, na narrativa de *Corpo Desfeito*, os fragmentos de lembranças e os traumas do passado compõem um tecido instável, porém significativo, na formação da subjetividade de Amanda. A seguir, examina-se como essas memórias, muitas vezes marcadas pela dor, estruturam sua narrativa interior e influenciam diretamente sua percepção de si e do mundo.

### 3.1 Memória: Fragmentos de Dor e a Narrativa do Passado

Ao considerar que a memória, por meio de processos seletivos e subjetivos, desempenha um papel fundamental na constituição da identidade, é possível compreender que, em determinadas circunstâncias, especialmente diante de experiências traumáticas, sua função ultrapassa a simples preservação de recordações. Nesses casos, a memória não se limita a ser um repositório passivo do passado, mas configura-se como um espaço ativo de elaboração simbólica, no qual lembranças fragmentadas, imprecisas e dissonantes são constantemente revisitadas e reelaboradas pelo sujeito. Assim, pode-se dialogar com Pierre Nora, que argumenta:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas revitalizações (Nora, 1993, p. 9).

A partir dessa visão, percebe-se que a memória possui uma natureza instável e manipulada conforme os contextos subjetivos e sociais. Ainda segundo o autor, trata-se de

[...] um fenômeno sempre atual, um elo vívido no eterno presente; [...] Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto (Nora, 1993, p. 9).

A isso, soma-se outra observação do autor, que evidencia o caráter não espontâneo da memória e sua dependência de práticas e dispositivos culturais:

[...] os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notarias atas, por que estas operações não são naturais (Nora, 1993, p. 13).

Essas reflexões reforçam a ideia de que a memória é uma construção simbólica, constantemente acionada por gestos, rituais e materialidades, o que se intensifica nas experiências traumáticas. Nesses contextos, a instabilidade da memória revela-se como um terreno vulnerável e, ao mesmo tempo, potencial para a reconstrução simbólica do vivido.

### 3.1.1 Corpo como um lugar de (re) inscrições

Aleida Assmann observa que “a memória está coberta com uma escrita cultural, inscrita no corpo de forma direta e inextinguível” (Assmann, 2011, p. 263), evidenciando que os traumas deixam marcas que ultrapassam a linguagem e se cristalizam como inscrições silenciosas, mas potentes, na carne e na subjetividade.

Ainda afirma a autora que, “o próprio corpo traz em si as marcas da memória, o corpo é memória” (Assmann, 2011, p. 264). Assim, o corpo não apenas guarda as lembranças, mas se constitui como o próprio lugar onde elas se manifestam.

Na narrativa de Arraes, a corporeidade da personagem Amanda emerge como um território sensível da memória e da dor. Um desses momentos é o relato da morte de sua mãe, vivida de forma abrupta e traumática, e associada ao seu próprio nascimento:

A morte de mainha foi uma traição. Com esse tipo de morte você não se relaciona. Esse é o preciso tipo de ir que torna a morte, para aqueles que sobram, uma negação do que se entende como natural. Nem morte morrida, nem morte matada. Morte traída. Pela segunda vez, mainha perdia a vida na data do meu nascimento. Chorei. Engasguei muitas vezes no meu catarro. A parte mais triste foi que insisti em escolher o caixão e vó permitiu (Arraes, 2022, p. 22).

A experiência da perda, nesse caso, não se fecha como um episódio do passado, mas se reinscreve no corpo da personagem como ferida ainda aberta. Mais adiante, o trauma retorna de maneira intensa, como um estado que afeta sua relação consigo mesma e com seus próprios limites:

Não sabia como tinha chegado naquele estado, mas não era a primeira vez que os feitos de vó me faziam ultrapassar todos os meus limites. E eu nem sabia quais eram meus limites, ninguém me ensinou como me equilibrar nas beiras de meu corpo. A dor não se controla, não se doma. Não a minha. Tantas vezes pesadelos e imagens, tantas vezes os gritos. Os pesadelos diante dos meus olhos abertos e a repetição de que aquilo não é real. Não é real, não é de verdade. Mas também era (Arraes, 2022, p. 116).

Essa descrição confirma a ideia de que a memória traumática opera como uma presença constante no corpo, que revive e atualiza o passado em sensações físicas e imagens recorrentes. Assim, “faz valer a ideia de que uma memória corporal se fixa,

mesmo depois do alívio da dor, em traços e cicatrizes” (Assmann, 2011, p. 264). Tal percepção dialoga com Paul Ricoeur, que comprehende a memorização como:

[...] maneiras de aprender que encerram saberes, habilidades, poder-fazer, de tal modo que estes sejam fixados, que permaneçam disponíveis para uma efetuação, marcada do ponto de vista fenomenológico por um sentimento de facilidade, de desembaraço, de espontaneidade (Ricouer, 2007, p. 73).

Nesse sentido, os traumas de Amanda, ao se alojarem no corpo, tornam-se marcas que influenciam não apenas sua memória subjetiva, mas também seus gestos, reações e modos de estar no mundo, compondo uma espécie de saber experiencial que carrega involuntariamente. Essa vivência traumática, que se inscreve no corpo e na memória, também afeta sua relação com o futuro, um futuro que se torna limitado pelas dores do passado:

Tentei imaginar como seria o meu futuro. Quando terminaria o ensino médio, se conseguiria um bom trabalho, se eu teria um cachorro, se viajaria para a capital, se me casaria. A única coisa que nunca passava por meus pensamentos era ser mãe. Não queria ser a adulta na vida de uma criança (Arraes, 2022, p. 118).

Aqui, o trauma não se manifesta apenas como lembrança dolorosa, mas como um bloqueio afetivo que impede Amanda de ocupar um lugar simbólico de cuidado e continuidade. A recusa em assumir o papel de mãe revela não apenas uma rejeição consciente, mas um sintoma da ruptura de vínculos e da desestruturação subjetiva provocada por experiências vividas como insuportáveis.

É a partir desse emaranhado de vivências que se torna possível compreender que a memória assume um papel mais profundo na organização da experiência subjetiva. Ou seja, “ela é o nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo de que declaramos nos lembrar” (Ricoeur, 2007, p. 40).

As lembranças, portanto, tornam-se não apenas registros de um tempo vivido, mas também formas de organizar o sofrimento e manter viva a presença do que foi perdido. Para Ricoeur,

As lembranças podem ser tratadas como formas discretas com margens mais ou menos precisas, que se destacam contra aquilo que poderíamos chamar de um fundo memorial, com o qual podemos nos deleitar em estados de devaneio vago (Ricoeur, 2007, p. 41).

Nesse contexto, “os encontros memoráveis prestam-se a ser rememorados, menos de acordo com sua singularidade não repetível do que conforme sua semelhança típica, até mesmo conforme seu caráter emblemático” (Ricoeur, 2007, p. 42). É nesse entrelaçamento entre dor e devaneio que Amanda evoca, por exemplo, a imagem de sua mãe como uma presença protetora, mesmo após a morte:

Eu queria que mainha, santa, olhasse por mim a todo instante, sem nunca parar, sem nunca desistir de mim, sem nunca ignorar minhas angústias, e que tivesse orgulho do que encontraria quando voltasse sua atenção para meus pensamentos encantados. Que bonita era a certeza de que eu não estava sozinha (Arraes, 2022, p. 66).

Esse desejo de companhia e reconhecimento revela uma tentativa de reinscrição simbólica do vínculo interrompido, um esforço de significar a perda e reorganizar subjetivamente o vazio deixado pela ausência materna.

Contudo, essa memória afetiva, por estar ancorada em experiências psicofísicas intensas, frequentemente escapa tanto à verificação externa quanto à própria revisão interna do sujeito: “A memória afetiva baseia-se em uma experiência psicofísica que escapa não apenas à verificação externa, como também à revisão própria” (Assmann, 2011, p. 271). Diante disso, a linguagem nem sempre dá conta da dimensão do trauma, funcionando de forma ambivalente. Como afirma a autora:

Palavras não podem representar essa ferida memorativa do corpo. Ante o trauma, a linguagem comporta-se de forma ambivalente. Há a palavra mágica, estética, terapêutica, que é efetiva e vital porque bane o terror, e há a palavra pálida, generalizadora e trivial, que é a casca oca do terror (Assmann, 2011, p. 278).

Essas observações reforçam a ideia de que a dor de Amanda se manifesta não apenas como narrativa, mas como corporeidade e silêncio, como aquilo que persiste mesmo quando não pode ser plenamente nomeado.

Um episódio significativo dessa experiência ocorre quando a avó ameaça tirar de Amanda sua boneca, Susi, objeto que era como um dos últimos vínculos simbólicos com a mãe falecida:

Eu, que já estava oca, desmoronei quando vó apareceu na sala de jantar abanando minha Susi. Me joguei no chão puxando sua saia e implorando para que ela não tirasse aquela boneca de mim, porque era uma das poucas coisas que me restaram de mainha (Arraes, 2022, p. 57).

Esse momento evidencia como o trauma não reside apenas na lembrança, mas também se reativa no corpo diante de pequenas ameaças que tocam a memória afetiva. A reação de Amanda não é apenas verbal, mas visceral, um colapso físico e simbólico diante da iminência de mais uma perda.

Assim, ao recorrer às lembranças, Amanda tenta atribuir sentido ao sofrimento, mesmo que ele permaneça como uma ferida aberta em sua trajetória. A resistência em deixar a boneca ser levada pode ser compreendida como um esforço para manter viva a memória da mãe. Como afirma Ricoeur (2007, p. 48), “a busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à ‘rapacidade’ do tempo”.

Desse modo, a memória, atravessada pelo trauma, emerge como um elemento constitutivo da subjetividade. Nesse processo, corpo e lembrança tornam-se indissociáveis, configurando uma experiência marcada por perdas, lacunas e tentativas de reconstrução simbólica do vivido. A narrativa de Amanda, assim, não apenas expressa o sofrimento de um passado que insiste em permanecer, mas também denuncia a fragilidade e a potência do corpo como lugar de memória, um corpo que sente, que lembra e que resiste, mesmo diante da impossibilidade de total elaboração da dor.

No próximo tópico, será analisado como essa vivência memorial e corporal se articula na constituição de Amanda como sujeito, evidenciando as tensões entre corpo, gênero e identidade.

### **3.2 A formação da identidade de Amanda: Ruptura e Permanência**

A identidade é construída por um processo dinâmico, que abrange conflitos, fragmentações e contínuas reconstruções. Ela emerge das marcas do passado, das imposições sociais e das experiências traumáticas, elementos que, mesmo de modo inconsciente, são preservados e reinscritos na narrativa que o sujeito constrói de si. Trata-se, então, de uma negociação constante entre o que se rejeita e o que se retém, configurando a identidade como uma elaboração simbólica em permanente trânsito.

As experiências sociais e as memórias individuais integram uma rede instável, na qual o sujeito transforma suas formas de ser e estar no mundo. Nesse cenário de instabilidade e múltiplas influências, Stuart Hall afirma que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis (Hall, 2006, p. 13).

Essa multiplicidade identitária se traduz, portanto, em um sujeito que não apenas se fragmenta, mas que também convive com forças contraditórias em seu interior. Hall ainda aponta que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (Hall, 2006, p.13).

No entanto, apesar dessas contradições internas, o sujeito tende a vivenciar sua identidade como se fosse algo coeso e estável. Como observa Hall:

Embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e “resolvida”, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma “pessoa” unificada que ele formou na fase do espelho (Hall, 2006, p. 38).

Essa percepção de unidade, no entanto, não corresponde a uma essência original, mas a uma construção imaginária. Como destaca o autor:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo ‘imaginário’ ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada’ (Hall, 2006, p. 38).

Tal ilusão é fundamental para que o sujeito se reconheça ao longo do tempo, ainda que esse “reconhecimento” se apoie em bases frágeis e continuamente deslocadas.

Nesse sentido, é possível compreender que a identidade, embora construída sobre deslocamentos e fissuras, conserva uma lógica narrativa que permite ao sujeito atribuir continuidade à sua experiência. Como afirma Candau (2012, p. 60), “cada ser humano, de fato, constrói sua identidade no correr do tempo que, simultaneamente, altera-o de maneira irreversível”. Portanto, trata-se de um movimento dialético entre transformação e permanência, no qual a identidade é continuamente tecida a partir de escolhas, silenciamentos, rupturas e reinscrições.

Em *Corpo Desfeito*, essa tensão é evidente ao conhecer a trajetória da personagem Amanda; ora ela busca romper com os papéis normativos que lhe foram impostos, ora sevê capturada por marcas profundas de um passado que insiste em retornar. Essa oscilação revela não uma fraqueza de identidade, mas, ao contrário, um modo potente de existência que se refaz a partir das fraturas, dos questionamentos e das reconfigurações constantes.

A construção identitária da protagonista está enraizada na figura materna, como mostra o trecho: “Mainha era dessas pessoas que não gostam de incomodar e nem sabem dizer não. Aprendi com ela o significado de desfeita. Aprendi que a quem se ama se dá tudo e não se pede nada” (Arraes, 2022, p. 38). Essas palavras refletem uma herança emocional de submissão e apagamento do eu, incorporada por Amanda em sua própria trajetória.

O silêncio e a interiorização da dor materna também são observados pela protagonista como marcas que atravessam sua formação:

Talvez mainha comesse as beiradas discretas do próprio corpo para não falar aquilo que dali não passava. Se, ao contrário, era pena, como eu também sentia pena, talvez fosse a prioridade de ter pena de si própria. Nossa sofrimento deve mesmo ser cuidado antes do sofrimento dos outros (Arraes, 2022, p. 42).

Essa percepção revela como o corpo, o silêncio e o autocuidado se entrelaçam na elaboração subjetiva, formando um legado afetivo que Amanda precisa confrontar para reconstruir-se.

Esse apagamento é ainda mais explícito quando a personagem afirma: “Tive também que esquecer qualquer farelo de amor-próprio que existia em mim” (Arraes, 2022, p. 76), revelando como a violência internalizada e a submissão afetiva desestruturam a autoestima, compondo, assim, uma identidade fragmentada.

Ainda assim, mesmo em meio à dor e ao esvaziamento de si, há momentos em que Amanda se reconecta com o próprio corpo e experimenta sensações de pertencimento e descoberta:

O sentimento parecia novo. Devia ser apenas o resgate de algo banal, mas não era. Até minha pele parecia ter mudado um pouco. O vermelho da blusa com manguinhas trazia minha cor para a frente, era como se eu brilhasse. Era a primeira vez que eu usava peças como aquelas. A saia ficou um pouco longa e a blusa folgada, mas eu nem prestei atenção, aquele par de roupas se grudava ao meu corpo como algo muito meu (Arraes, 2022, p. 84).

Essa vivência corporal, ainda que breve, representa um gesto de reapropriação subjetiva, ou seja, o corpo, antes silenciado ou negligenciado, passa a ser um espaço de expressão e identidade.

Ademais, a identidade de Amanda também é marcada pela culpa e pela sensação de dívida emocional com a mãe, como quando afirma:

Fiquei pensando nessa promessa e ganhei outra surpresa, o anúncio de que mainha tinha se matriculado no supletivo e iria, de uma vez por todas, terminar o ensino médio. Eu estava muito feliz por ela, feliz por mim. Carreguei por muito tempo o peso de interromper a vida de mainha. Queria a sensação de assistir ao cancelamento da praga que foi fecundada junto de mim (Arraes, 2022, p. 21).

Assim, o processo identitário não é construído isoladamente, mas em articulação com outras subjetividades, transformado por afetos, dores compartilhadas e tentativas de reparação.

Nesse processo de (re) descoberta da personagem, há também sentimento de culpa e vergonha, que revelam uma consciência crítica em formação:

Eu chorava também de vergonha. Que vergonha ter passado por todas aquelas coisas. Que vergonha ter acreditado, e ter obedecido, e ter vagado como alma, ter caído como vítima (Arraes, 2022, p. 121).

Essa fala evidencia o modo como a dor e o julgamento de si mesma tornam-se elementos estruturantes da identidade. Tal momento de julgamento e autocrítica está ligado a uma ruptura profunda nas crenças que Amanda cultivava sobre sua mãe e sobre si mesma. Como ela confessa:

Tudo o que eu acreditava e tudo o que era motivo de dúvidas estava destruído. Se realmente achei que mainha tinha virado santa, e por algum tempo acho que acreditei nisso com todo o meu coração, naquele dia minha cabeça virou (Arraes, 2022, p. 120).

Essa quebra representa um ponto decisivo no processo de reconstrução da identidade, em que a protagonista precisa lidar com o colapso das narrativas que a sustentavam, abrindo espaço para a ressignificação de sua trajetória e de sua subjetividade. Através desse percurso, Amanda reconhece sua vulnerabilidade, mas também começa a reelaborar sua narrativa de si, deslocando-se da posição de vítima passiva para uma voz que questiona, revisita e reconstrói. É a partir desse deslocamento que emergem os primeiros gestos de resistência, que reconfiguram sua maneira de estar no mundo.

### 3.3 Resistência como gesto de (re)existência

À medida que Amanda percorre um processo doloroso de reconstrução de si, sua narrativa assume um papel central não apenas como forma de expressão, mas como um ato de resistência simbólica. Em *Corpo Desfeito*, a escrita e a fala funcionam como ferramentas para enfrentar marcas profundas: a violência, o apagamento, a vergonha e o silêncio herdado. Embora em momentos anteriores, Amanda pareça dominada pelas dores e expectativas que lhe foram impostas; ao narrar sua história, ela se posiciona como sujeito que reivindica a palavra e a possibilidade de (re)existir.

Mais do que um simples exercício de memória, a escrita de si representa uma ruptura com os modelos normativos que tentaram defini-la. Ao revisitar episódios traumáticos e nomear as violências vividas, Amanda desafia os mecanismos de silenciamento que historicamente limitaram corpos femininos e dissidentes. Nesse sentido, falar e escrever sobre sua dor é também assumir o controle da própria história, resistindo às estruturas que tentaram apagá-la e afirmado-se enquanto sujeito em transformação.

Esse gesto de ruptura fica evidente na forma como Amanda confronta o pacto de silêncio que atravessa sua linhagem materna. Em um momento de questionamento e revolta, ela dirige suas palavras à figura da avó, expressando uma profunda indignação:

Queria entrar na cozinha e gritar por vó. Gritar em objeção a vó. Por que ela deixava que aquilo acontecesse? O que era pior, que aquele tipo de tormento continuasse desde que mainha era bebê ou o fato de que vó foi completamente omissa durante todos aqueles anos? Minha família era queimada pelas letras do silêncio. Mesmo assim, eu queria levantar uma briga. Desconfiava que vó sabia, que gostava de saber, e que gostaria ainda mais de assistir (Arraes, 2022, p. 32-33).

No trecho a seguir, a linguagem se torna instrumento de confronto e denúncia, rompendo com o ciclo de submissão imposto por gerações. Além da escrita, o saber e o estudo também se apresentam como formas de resistência e reconstrução para Amanda.

Ela reconhece no estudo um meio de dar sentido à sua trajetória e de manter-se viva diante das adversidades, como revela sua reflexão sobre a escola:

Estava ali para estudar, e essa também era minha única motivação. Não só para suportar aquela escola, estudar era a motivação de minha vida inteira. Eu estava dando tudo de mim para seguir o primeiro direcionamento que mainha me deu, antes da reza e dos jejuns (Arraes, 2022, p. 82).

Outro gesto simbólico dessa reexistência aparece na apropriação de objetos cotidianos, como as roupas. Ao vestir secretamente um conjunto de blusa e saia pertencente a uma cliente da avó, Amanda realiza um ato de afirmação subjetiva:

Na manhã seguinte, peguei escondido um conjunto de blusa e saia que alguma cliente de vó ainda ia buscar. Aproveitei que vó dormia, já que não tinha mudado seu hábito de acordar bem depois de mim, e entrei nas duas peças enquanto meus pulmões se fechavam, como se eu mergulhasse (Arraes, 2022, p. 83).

Esse momento, carregado de tensão e desejo, revela a força simbólica do vestir-se como forma de expressão e experimentação da identidade. O corpo, antes silenciado e vigiado, torna-se terreno de resistência e autodefinição.

Além disso, Amanda utiliza a escrita como espaço para externalizar suas angústias e revoltas diante das imposições familiares e sociais. Em um registro íntimo, ela descreve o dia em que desafiou as regras rígidas de vestimenta da escola:

Em casa, peguei meu caderno da escola, abri numa folha entre as matérias de matemática e geografia e escrevi sobre aquele dia da troca de roupa. Registrei com minha letra todos os meus pensamentos sobre aquela regra ridícula de vestido azul e currulepe de velho (Arraes, 2022, p. 89).

Nesse mesmo espaço de escrita, Amanda manifesta sua exaustão e o desejo de romper com regras opressoras:

Exausta, o corpo doendo. Escrevi que queria que as regras se lascassem, eu não mereço aquilo, eu não tenho que viver para esfregar, lavar e cozinhar, eu quero ter uma vida e só porque mainha morreu não significa que eu não posso viver (Arraes, 2022, p. 89).

Nesse processo, ela reconhece com clareza o absurdo e a violência das regras que a restringem, como quando declara: “A estátua não era abençoada, todas aquelas regras absurdas eram ridículas e, depois de conseguir dizer isso com a boca cheia, enxergava como eram aterradoras” (Arraes, 2022, p. 121).

Assim, ao se apropriar da palavra e de pequenos gestos cotidianos para elaborar sua subjetividade, Amanda desloca seu corpo da passividade para a potência. Sua reexistência está diretamente ligada à capacidade de nomear, questionar e reinventar.

A insurgência de Amanda não se limita à linguagem, manifesta-se também em atos de provocação e desobediência direta às normas opressoras. Em um momento de tensão, ela cogita uma atitude rebelde, pensando:

Na cabeça, uma pequena labareda de provocação. E se eu desse os remédios trocados? Se, em vez dos comprimidos para o coração, eu entregasse apenas remédios para dor de cabeça? Tirei as cartelas de comprimidos da caixa e fiz a troca (Arraes, 2022, p. 107).

Embora pequeno, esse gesto simboliza a tentativa de recuperar o controle sobre seu corpo e ambiente, afirmando sua voz contra a opressão. No entanto, a consciência do peso desse ato é imediata, como expressa: “E que forte ter a consciência de que ela poderia acabar morta por minha vontade. Mas sabendo de minha escolha, voltei atrás. Não sei explicar que tipo de morte desejei para ela” (Arraes, 2022, p. 108). Esse conflito interno evidencia a complexidade dos gestos de resistência de Amanda, situados entre o desejo de ruptura e o reconhecimento dos limites dessa insurgência.

Sua trajetória marcada por dor e luta encontra um desfecho simbólico e material com a morte da avó, figura de autoridade opressora. Esse acontecimento abre a possibilidade concreta de recomeço, como expressa Amanda: “Na casa que já se desfazia, restei com minhas malas para uma vida diferente” (Arraes, 2022, p. 123). Este fechamento evidencia a passagem da opressão para a liberdade, sinalizando a esperança de uma existência reconstruída e de um corpo que agora pode se afirmar fora das normas e das violências que antes o cerceavam.

Dessa forma, sua trajetória exemplifica como a corporeidade fragmentada pode ser ressignificada como espaço de luta, reconstrução e afirmação identitária. Ao romper com o silêncio, nomear as violências sofridas e reivindicar sua existência, a personagem constrói uma identidade em constante transformação, marcada pela dor, mas também pela potência de reexistir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, propôs-se uma análise sobre como as relações entre corpo, gênero e identidade são construídas na obra *Corpo Desfeito*, de Jarid Arraes, a partir da trajetória da protagonista Amanda. Com uma narrativa em primeira pessoa, marcada por memórias, silenciamentos e traumas, se torna evidente que o corpo feminino apresentado como suporte físico estende-se a um espaço simbólico de inscrições de violências históricas, sociais e familiares. O romance, ao apresentar as experiências subjetivas de Amanda, problematiza as normas de gênero internalizadas desde a infância e revela os modos como essas normas manipulam sua construção identitária.

No primeiro capítulo, buscou-se compreender de que maneira a voz narradora de Jarid Arraes aborda questões de gênero a partir da protagonista Amanda. A análise demonstrou que a narrativa constrói um olhar crítico sobre os papéis de gênero impostos, evidenciando como o corpo feminino é socialmente condicionado pelas estruturas patriarcais. A autora utiliza a voz de Amanda para dar forma a uma subjetividade que percebe e resiste às normas que tentam silenciá-la, revelando, assim, a potência política da narração íntima e autobiográfica.

No segundo capítulo, atentou-se para como a protagonista, atravessada por múltiplos acontecimentos traumáticos, reflete sobre si mesma por meio do corpo. A partir da noção de corporeidade marcada, isto é, um corpo afetado por violências simbólicas e físicas, identificou-se que a identidade de Amanda é performada de modo instável, ambíguo e em constante negociação. O corpo surge, nesse contexto, como expressão visível das marcas deixadas pela opressão de gênero, mas também como instrumento de percepção e autoconhecimento, revelando os tensionamentos entre o ser e o parecer, o desejo e a norma.

No terceiro capítulo, o foco recaiu sobre como as percepções de Amanda acerca de seu corpo e de sua experiência de gênero contribuem para a constituição de sua identidade. Tomando o corpo como um espaço simbólico, demonstrou-se que ele se configura como um território de disputas, entre memória e esquecimento, violência e resistência, sendo central para a elaboração subjetiva da protagonista. A casa, o quarto, os objetos e as marcas físicas tornam-se, na narrativa, signos de uma existência que tenta reorganizar-se a partir do caos, o que reforça a importância do corpo não apenas como lugar de inscrição da dor, mas também como possibilidade de reinvenção.

Diante disso, é possível afirmar que a corporeidade fragmentada de Amanda se constitui como um verdadeiro campo de batalha para a construção de sua identidade de

gênero. Visto que no corpo da protagonista se travam os conflitos mais intensos entre as expectativas sociais impostas e as possibilidades de uma vivência mais autônoma e subjetiva. O corpo de Amanda, marcado por violências simbólicas e físicas, torna-se espaço de enunciação de uma identidade que resiste, ainda que de maneira instável e dolorosa.

A narrativa de *Corpo Desfeito*, ao dar voz à personagem, evidencia que a construção de gênero não se dá de forma linear ou essencialista, mas sim como um processo contínuo de enfrentamento, performatividade e autoconhecimento. Arraes constrói uma narrativa que não apenas denuncia as violências sistemáticas sofridas por corpos femininos, mas também oferece brechas para a ressignificação desses corpos enquanto espaços de consciência, ruptura e transformação.

Do ponto de vista teórico, esta pesquisa reforça a importância de compreender a corporeidade como espaço onde se inscrevem e se manifestam as questões sociais, culturais e políticas. Isso amplia o diálogo entre literatura, estudos de gênero e filosofia do corpo. Na prática, a pesquisa aponta para a relevância de obras literárias contemporâneas que abordam as experiências femininas marcadas por traumas, silêncios e resistências.

Reconhece-se, contudo, as limitações deste trabalho. O estudo feito se restringiu à análise de uma única obra da autora, o que não permite generalizações de comparações intertextuais ou uma análise mais ampla da produção literária de Jarid Arraes. Além disso, por ser de natureza qualitativa e bibliográfica, a pesquisa permaneceu no campo teórico, sem se aprofundar em recepções leitoras da obra ou em comparações de outros autores contemporâneos que tratam da corporeidade e identidade de gênero.

Dessa forma, para pesquisas futuras, sugere-se a ampliação do escopo para incluir outros textos da autora e autores com temáticas semelhantes, bem como a utilização de metodologias qualitativas que contemplam entrevistas, análise de recepção e estudo das práticas discursivas em redes sociais e mídias digitais. Também seria enriquecedor explorar mais profundamente a relação entre corpo, escrita e memória, investigando como a literatura pode contribuir para processos de cura e transformação social em contextos de opressão.

Por fim, reafirma-se que o corpo fragmentado de Amanda em *Corpo Desfeito* revela a complexidade da construção identitária em contextos de violências patriarcais. A obra é potente para a reflexão das múltiplas formas de inscrição simbólica nos corpos femininos e da forma como a linguagem tensiona os regimes de poder que os silenciam, os moldam e os destroem. Portanto, o presente trabalho contribui para o debate crítico

sobre gênero, corporeidade e subjetividade na literatura brasileira contemporânea, abrindo caminho para novas investigações e reflexões sobre a multiplicidade das vozes e corpos em cena no Brasil atual.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- ARRAES, Jarid. **Corpo desfeito**. São Paulo: Alfaquara, 2022.
- ARRAES, Jarid. **Biografia**. Disponível em: <http://jaridarraes.com/>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARONE, Leda Maria Codeço. **Literatura e construção da identidade**. Rev. psicopedag. São Paulo, v.24, n.74, p.110-116, 2007. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862007000200002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 15 jul. 2025.
- BEAUVIOIR, S. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BORGES FILHO, Ozíris. **Espaço e literatura: introdução à topoanálise**. Franca: Ribeirão gráfica e editora, 2007.
- BORGES, Luciana; BARROS, Sulivan Charles. **Interfaces do Gênero II: Linguagens, Imagens, Representações**. Goiânia: Gráfica da UFG, 2017.
- BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CACERE GONÇALVES, M.; PERES CONÇALVES, J. **Gênero, Identidade de gênero e Orientação sexual**: Revista Ciências Humanas, v. 14, n. 1, 25 abr. 2021.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 6<sup>a</sup> ed., Campinas: Papirus, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; tradução de Raquel Ramalhete. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.
- JÚNIOR, Carlos Alberto Mourão; FARIA, Nicole Costa. **Memória**. Psicologia: Reflexão e Crítica 28.4 (2015): 780–788. Web.

KIFFER, Ana. **Corpo, Memória, Cadeia: o Que Pode o Corpo Escrito?** Alea: Estudos Neolatinos 8.2 (2006): 263–280. Web.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo: PUC-SP. n° 10. 1993.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. DE. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico** - Editora Feevale, 2013.

SAFFIOTI, Heleith; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de gênero – Poder e Impotência.** Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho.** São Paulo: Moderna, 1987.

SANDER, J. **Corporeidade contemporânea: do corpo-imagem ao corpo-devir.** Fractal, Rev Psicol [Internet]. 2009May; 21(2): 37-407. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000200013>.

SATRE, Jean-Paul, 1905-1980 **O que é a subjetividade?** / Jean-Paul Sartre ; [tradução Estela dos Santos Abreu]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.

SOARES, Carmen L. **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução de André Telles. São Paulo: Contexto, 2007.

RICOEUR, Paul. **A memória, a História, o Esquecimento.** Tradução de Alain François [et. al]. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.